

## **PORN LITERACY EDUCATION: É POSSÍVEL UMA EDUCAÇÃO SEXUAL CRÍTICA À PORNOGRAFIA NO CONTEXTO BRASILEIRO?**

### **PORN LITERACY EDUCATION: IS IT POSSIBLE TO DEVELOP A CRITICAL SEXUAL EDUCATION REGARDING PORNOGRAPHY IN THE BRAZILIAN CONTEXT?**

### **PORN LITERACY EDUCATION: ¿ES POSIBLE UNA EDUCACIÓN SEXUAL CRÍTICA SOBRE LA PORNOGRAFÍA EN EL CONTEXTO BRASILEÑO?**

**Carolina Carrolo Messias**

Mestranda em Educação Sexual (UNESP/Araraquara)

E-mail: carolina.messias@unesp.br

**Lourdes Conde Feitosa**

Doutora em História Cultural e docente do Programa de Educação Sexual (UNESP/Araraquara)

E-mail: lourdes.conde-feitosa@unesp.br

#### **RESUMO**

A pornografia tem cada vez mais ganhado espaço e participação na sexualidade humana, ainda mais com o avanço das tecnologias e da Internet. Todavia, os impactos da pornografia na sexualidade humana e a repercussão do tipo de pornografia de consumo rápido ocasionado pela Internet, não têm sido abordados na Educação Sexual brasileira. A necessidade de se falar sobre, contudo, urge devido ao seu alto consumo pelos brasileiros e pelas consequências negativas demonstradas em estudos em relação ao uso desse tipo de material. O presente artigo traz questionamentos quanto à implementação da *porn literacy education* – que se trata de um modo de educação sexual que se volta ao desenvolvimento de criticidade quanto ao consumo de pornografia no Brasil, pensando-se em relação à demanda, possibilidades e necessidades de adaptação à realidade sociocultural brasileira. Compreendeu-se a análise a partir de uma pesquisa bibliográfica, levantando dados quanto ao movimento antipornografia, a história da educação sexual no Brasil e as raízes da *porn literacy education*. O estudo considera, ainda, as perspectivas trazidas pelo movimento antipornografia por meio de duas representantes: Andrea Dworkin e Catherine Mackinnon. A *porn literacy education* demonstra-se como uma ferramenta em potencial para a educação sexual, mas que necessita de estudos mais aprofundados visando desenvolver um tipo de currículo e programa tipicamente brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação sexual; *porn literacy*; pornografia; sexualidade.

#### **ABSTRACT**

Pornography has increasingly gained space and participation in human sexuality, especially with the advancement of technology and the internet. However, the impacts of pornography on human sexuality and the repercussions of fast-paced consumable pornography caused by the internet have not been addressed in Brazilian sexual education. Furthermore, there is an urgency to approach this subject due to the high consumption of pornography by Brazilians and the negative consequences demonstrated in studies concerning the consumption of this type of material. This article raises questions regarding the implementation of porn literacy education - a form of sex education that focuses on developing critical thinking skills about the consumption of pornography in Brazil, considering the demand, possibilities, and adaptation needs to the Brazilian socio-cultural reality. The analysis considers a literature review, gathering data on the antipornography movement, the history of sex education in Brazil, and the development of porn literacy education. It also appraises the perspectives brought by the antipornography movement through two representatives: Andrea Dworkin and Catherine Mackinnon. Porn literacy education demonstrates itself as a potential tool for sexual education, but it requires further in-depth research to develop a typically Brazilian curriculum and program.

**KEYWORDS:** sex education; porn literacy; pornography; sexuality.

## RESUMEN

La pornografía ha ganado cada vez más espacio y participación en la sexualidad humana, especialmente con el avance de las tecnologías y de Internet. Sin embargo, los impactos de la pornografía en la sexualidad humana y la repercusión del tipo de pornografía de consumo rápido ocasionado por Internet no han sido abordados en la Educación Sexual brasileña. La necesidad de hablar al respecto, sin embargo, urge debido a su alto consumo por parte de los brasileños y a las consecuencias negativas demostradas en estudios sobre el consumo de este tipo de material. El presente artículo plantea interrogantes sobre la implementación de la *porn literacy education*, que es un modo de educación sexual que se centra en el desarrollo de la capacidad crítica en relación al consumo de pornografía en Brasil, considerando la demanda, las posibilidades y las necesidades de adaptación a la realidad sociocultural brasileña. Se realizó un análisis a partir de una investigación bibliográfica, recopilando datos sobre el movimiento antipornografía, la historia de la educación sexual en Brasil y las raíces de la *porn literacy education*. El análisis también considera las perspectivas presentadas por el movimiento antipornografía a través de dos representantes: Andrea Dworkin y Catherine Mackinnon. La *porn literacy education* se muestra como una herramienta potencial para la educación sexual, pero requiere de estudios más profundos con el fin de desarrollar un tipo de currículo y programa típicamente brasileños.

**PALABRAS-CLAVE:** educación sexual; porn literacy, pornografía; sexualidad;

## 1. INTRODUÇÃO

A pornografia é um fenômeno social relacionado à sexualidade que, com o advento da *Internet*, tem sido cada vez mais difundido devido à seu acesso fácil, rápido e anônimo. Sua relação com a sexualidade não se dá exclusivamente por serem materiais que apresentam sexo explícito, mas pelo modo frequente de a pornografia retratar essas cenas se incidir na sexualidade humana. Tais reflexos entram em debate, pois se observa que a pornografia tem demonstrado modelos de sexualidade irrealis, não-saudáveis e até mesmo perigosos para a saúde sexual e mental de mulheres e homens – e não somente daqueles que a consomem diretamente. É necessário demonstrar a razão de um olhar atento, cuidadoso e crítico quanto à pornografia, e alguns autores demonstram dados importantes para introduzirmos essa discussão.

Questiona-se, de início, o alastramento da pornografia a públicos que não a estão procurando. Por mais que exista um consenso “geral” de que a pornografia deveria ser para pessoas consideradas maiores de idade, o acesso a ela por crianças e adolescentes é uma realidade, ainda mais com a facilidade a qual a *Internet* permite a conexão a esse tipo de conteúdo. Ybarra e Mitchell (2005) conduziram uma pesquisa nos Estados Unidos com crianças e adolescentes relacionada à exposição dessa faixa etária à pornografia. Em 2005, ano em que a Internet já era popular, mas não tinha a acessibilidade dos dias atuais, as autoras observaram alguns aspectos relevantes de análise: a) 25% dos entrevistados reportaram ter sido expostos à pornografia *online* sem estarem buscando-a diretamente; b) o público que procurava por pornografia, por meio *online* ou *offline*, era

majoritariamente masculino; c) a *internet* se demonstrava - já na época - como uma grande ferramenta para potencializar o alastramento de conteúdos pornográficos.

Outro estudo conduzido por Wolak, Mitchell e Finkelhor (2007), também nos EUA e com crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos, revela que 42% de sua amostra via pornografia por meio da *Web* no ano de 2006, mas que dois terços dessa população foram expostos a esse conteúdo sem o procura; além, que o maior risco eram os softwares de compartilhamento e download de arquivos. Aqueles que buscaram por esse tipo de conteúdo eram, em sua maioria, adolescentes do sexo masculino, entre 16 e 17 anos.

Cada vez mais a pornografia, portanto, tem ganhado espaço de consumo por pessoas abaixo de 18 anos de idade e até mesmo entre jovens até 30 anos de idade. A discussão desses aspectos, infelizmente, mantém-se em terrenos internacionais e não existem estudos semelhantes a eles realizados com a população brasileira. Os dados sobre o consumo de pornografia pela população brasileira partem da idade mínima instaurada para consumo: dezoito anos de idade. De acordo com um dos sites de conteúdo pornográfico mais acessados do mundo<sup>1</sup>, *PornHub* (2021), o Brasil é o décimo país com maior consumo de pornografia através da plataforma, e o segundo na América Latina – atrás apenas do México. A maioria do público consumidor (40%) tem entre 18 e 24 anos de idade e é do gênero masculino (63%), e a média de tempo de permanência no site de 9 minutos e 26 segundos. Entretanto, mesmo tais dados mantém cifras ocultas relacionadas ao consumo de pornografia por menores de 18 anos de idade – ilegal em diversos países, apesar de ocorrer.

Em países como Austrália e Estados Unidos existem modelos de redução de danos para tratar o assunto da pornografia com os mais jovens, conhecido como *porn literacy education*, que tem gerado consequências positivas – as quais serão destrinchadas mais à frente. Pelo perfil de consumo já apresentado e um cenário que ainda não explora as possibilidades de considerar a pornografia no contexto da educação sexual com a urgência que se é necessária, surge o principal objetivo do presente artigo: questionar se é possível inserir uma visão crítica e consciente da pornografia no contexto da educação sexual brasileira.

Para tanto, a metodologia usada para desenvolver esta reflexão é a do uso de pesquisa bibliográfica, por meio de livros e artigos científicos, que considera a história do movimento crítico à pornografia, a história da educação sexual no Brasil, e o desenvolvimento da *porn literacy*

---

<sup>1</sup> Mais informações em: SIMILARWEB. Ranking do site: os sites com melhor classificação no mundo - classificação dos principais sites. os sites com melhor classificação no mundo - Classificação dos principais sites. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/top-websites/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

*education*, de maneira a compreender como este modelo poderia ser aplicado em contexto brasileiro, ou se seria necessário adaptações para a sua aplicação. A base teórica de análise partirá também da perspectiva e principais ideias e conceitos da antipornografia, com foco nas produções das duas principais expoentes do movimento: Andrea Dworkin e Catherine Mackinnon.

## 2. O MOVIMENTO ANTIPORNOGRAFIA: O QUE ELAS ESTAVAM PENSANDO?

As críticas à pornografia são mais recentes do que o tempo de sua existência. Tais críticas se iniciaram na década de 1980, a partir de grupos feministas nos Estados Unidos que visualizavam a pornografia como uma ferramenta de opressão às mulheres, tendo como algumas de suas principais expoentes Andrea Dworkin e Catherine Mackinnon, escritoras de livros e artigos relacionados ao assunto. Comella (2015) destaca o surgimento do movimento feminista antipornografia, que teve a sua origem a partir do *Women Against Violence Against Women (WAVAW)*, um movimento feminista fundado em 1976 nos Estados Unidos que, como o nome sugere, lutava contra a violência cometida às mulheres. Seu foco, de início, eram os materiais midiáticos que corroboravam com a violência de gênero. Com o tempo, o grupo ganhou destaque e reconhecimento nacional. O interesse do grupo ampliou-se da cultura midiática para a pornografia. Desdobrou-se, dessa forma, em outros movimentos como os *Women Against Violence in Pornography and Media (WAVPM)* e *Women Against Pornography (WAP)*.

Em relação aos seus preceitos, Andrea Dworkin (1981) defende que a pornografia integra um sistema de dominação-submissão pautado no sexo biológico do indivíduo humano, no qual pessoas do sexo masculino detêm o poder e pessoas do sexo feminino são submetidas a ele. Mackinnon (1989) compreende que a dominação masculina parte do sexo – tanto em sentido de sexualidade como de sexo biológico - de modo a se pautar nesse dado como modo de hierarquizar e colocar o sexo feminino à submissão e o masculino em posições de dominância, naturalizando tais papéis pela existência da diferença biológica entre eles.

(...) A pornografia permite com que homens tenham o que queiram no sentido sexual. É a sua “verdade nua e crua sobre o sexo”. Ela concentra a objetificação visual tanto da excitação sexual masculina como dos modelos masculinos de conhecimento e verificação, conectando objetividade com objetificação. Demonstra como os homens veem o mundo e, como ao vê-lo, o acessam e o possuem em um ato de dominação sobre ele. Mostra o que os homens querem e dá isso a eles. Do que há testemunho sobre pornografia, o que homens querem são: mulheres amarradas, espancadas, torturadas, humilhadas, degradadas e contaminadas, mortas. Ou, para ser justa com [o pornô] *softcore*, mulheres sexualmente acessíveis, disponíveis para eles, querendo ser possuídas e usadas, talvez com um tipo de

*bondage* mais leve. Cada violação das mulheres – estupro, espancamento, prostituição, abuso sexual infantil, assédio sexual – é sexualizado, demonstrado como sexy, divertido e libertador da verdadeira natureza feminina na pornografia. Cada grupo específico de mulheres vitimizado e vulnerável, cada grupo alvo de tabus – mulheres negras, asiáticas, latinas, judias, grávidas deficientes físicas e intelectuais, pobres, mais velhas, gordas, em trabalhos “femininos”, prostitutas, meninas pequenas – vão distinguindo gêneros e subtemas pornográficos, classificados de acordo com o tipo de degradação favorita dos clientes. Mulheres são transformadas e acopladas a qualquer coisa considerada sub-humana: animais, objetos, crianças, e (sim) outras mulheres; qualquer coisa que mulheres tenham reivindicado como seu – maternidade, esportes, trabalhos “masculinos”, lesbianismo, feminismo – é demonstrado especificamente como sexy, perigoso, provocativo, passível de punição, feito por homens na pornografia. (...) “O maior tema da pornografia como gênero”, escreve Andrea Dworkin, “é a dominação masculina”. (MACKINNON, 1989, p. 326-327, tradução nossa).

Em perspectiva, portanto, o movimento antipornografia compreendia que a produção, distribuição e consumo de materiais pornográficos fariam parte de um sistema de opressão ao sexo feminino, visto que demonstrava o exercício de um tipo de sexualidade coercitiva, violenta, focalizada apenas no prazer masculino. Ainda, demonstrava, através da sexualidade e da objetificação do corpo feminino, os dispositivos de dominação masculina pautada na hierarquização por gênero.

O movimento antipornografia ganhou voz, cresceu e ampliaram-se as suas teóricas feministas – além de Dworkin e Mackinnon – como Sheilla Jeffreys, Adrienne Rich, Susan Griffin, Robin Morgan, entre outras. Dentre os conflitos enfrentados por estas mulheres houve a denominada *Feminist Sex Wars*, que travou embates teóricos e políticos envolvendo feministas antipornografia, que acreditavam que a pornografia seria prejudicial à sexualidade feminina por retratar e incentivar a violência contra os seus corpos, símbolo da materialização da opressão sexual. Do mesmo modo se opunham às feministas ditas “pró-sexo”, as quais defendiam que a pornografia fazia parte de uma expressão sexual e que mulheres devem buscar sua liberdade sexual, visto que esta seria uma real afronta às regras dispostas pelo patriarcado (SANTANA, 2014). Com o crescimento do pensamento feminista liberal após a segunda onda feminista e acusações de “moralista” ao movimento antipornografia, o pensamento antipornografia foi perdendo força e popularidade no final dos anos 80 e início dos anos 90.

As feministas realizaram as primeiras críticas teóricas relacionadas à pornografia, partindo de um olhar consternado com a sexualidade feminina e a sua submissão a atos sexuais violentos. O movimento se enfraqueceu no decorrer das décadas, mas, mais tarde, a popularização da Internet e a facilidade de produção e acesso a materiais pornográficos - inclusive por crianças e adolescentes

– trouxe novas preocupações em relação aos impactos do consumo. Dessa forma, renova-se a atenção para os impactos da pornografia na saúde sexual e a *porn literacy education* surge como uma ferramenta para lidar com este fenômeno.

### 3. PORN LITERACY EDUCATION E A REDUÇÃO DE DANOS

A *porn literacy education* é um recurso criado para tratar da pornografia – e de seus impactos na sexualidade humana – de maneira a incentivar o pensamento crítico quanto ao consumo. É um tipo de intervenção que é, conforme destacado por Dawson, Gabhainn e Macneela (2019), inspirado em outro modelo de prevenção e redução de danos nomeado como *media literacy*<sup>2</sup>.

A partir de tal influência, é construído o modelo de *porn literacy education*, com o objetivo de incentivar o pensamento crítico ao consumo de materiais pornográficos e o impacto destes na conduta e saúde sexual de seus usuários. De acordo com Vandebosch e Van Oosten (2017), a criticidade relacionada ao consumo de pornografia se dá, pois, tais mídias contêm a demonstração de um tipo de sexualidade que objetifica corpos – principalmente os do sexo feminino – contribuindo para a sua reificação. Assim, a *porn literacy education* teria a função sensibilizadora com o objetivo de propor criticidade ao possível consumo de pornografia.

Para compreender a importância de uma educação sexual que abarque a pornografia em seu conteúdo, é necessário, primeiro, abordar os motivos pelos quais esta seria, de algum modo, prejudicial à saúde sexual humana. Para entender os seus impactos na sexualidade humana é preciso assimilar o posicionamento das feministas antipornografia, as quais pavimentaram as críticas ainda presentes sobre a construção problemática da indústria pornográfica. Ao classificá-la, compreende-se essa como um conglomerado mercadológico que tem como suposto produto principal a excitação sexual por meio de materiais audiovisuais sexualmente explícitos. Para tanto, uma série de formas de criação deste conteúdo são possíveis, tais como a produção individual ou por empresas do nicho.

Entretanto, dois tópicos controversos permeiam a pornografia: a reificação e a consensualidade. Mackinnon (1989) amplia a visão da sexualidade por meio da ótica feminista, a partir da compreensão de que esta não seria apenas suas sensações e atos, mas também aquelas

---

<sup>2</sup> Media literacy é um tipo de programa educacional que abarca as mídias impressa, audiovisual e on-line, e que visa ensinar ao consumidor como absorver os materiais midiáticos de maneira crítica em suas mensagens as quais poderiam, possivelmente, influenciar seu comportamento e modo de pensar (DAWSON; GABHAINN; MACNEELA, 2019; VANDENBOSCH; VAN OOSTEN, 2017).

que apreendem diversos outros aspectos sociais, incluso os papéis de gênero, as divisões étnicas e classe, por exemplo. Assim, elementos relacionados à dominação e submissão são também transmitidos e repassados pelos papéis sexuais e um deles, relacionado ao sexo feminino, seria a reificação e a sua importância para tornar-se objeto de desejo.

Borges e Tilio (2018) citam um fenômeno ocorrido também na pornografia – e, ainda, em outras dimensões de mídias audiovisuais – que diz respeito à fragmentação dos corpos em desejos, denominado por eles como “corpo-fetichê”. Isso significa que a absorção visual e subjetiva dos consumidores ocorre por meio do prazer que é ativado pela imagem de partes de corpos – como seios, nádegas, órgãos sexuais – que compõem a cena, mas que não sustentam em si a subjetividade da pessoa que está sendo exibida.

Se a pornografia também tem funcionado como uma educação sexual informal (BORGES; TILIO, 2018), seria este o tipo de sexualidade mais saudável a se demonstrar? Alguns autores discordam e demonstram as razões desse argumento: Vandebosch e Van Oosten (2017) defendem que retratar mulheres como objetos sexuais pode induzir os seus consumidores a compreendê-las nessa perspectiva reificada e, quanto maior o consumo, mais esse entendimento se destaca cognitivamente. A reificação feminina não é algo que afeta apenas a sexualidade, pois perpassa sobre como deseja ser vista, o que, por consequência, atinge a autoestima, a saúde mental e a saúde física feminina. Fritz *et al.* (2020) compreendem que a pornografia acomete diretamente a aceitabilidade de uma conduta sexual violenta. Em uma análise feita pelos autores de 7.430 vídeos de dois sites pornográficos - *Xvideos* e *Pornhub* – chegaram à conclusão de que 45,1% das cenas continham pelo menos um ato de agressão física; que 96,7% dos alvos de agressão eram mulheres e que destas, 97,4% respondiam às agressões com feições ou atos que expressavam prazer ou neutralidade. De acordo com os autores, essas reações podem endossar comportamentos violentos e ensinar aos consumidores de pornografia que mulheres gostam de ser agredidas, que seus sentimentos sobre a violência não importam, que estas devem experienciar o prazer através da dor e ignorar o desconforto em tais momentos.

Mais alguns exemplos das consequências da abordagem pornográfica em relação à sexualidade são demonstrados por Rothman *et al.* (2014), cujo levantamento denotou que jovens acabam por buscar na pornografia um caminho para compreender o que poderia ser de agrado no ato sexual para seus possíveis futuros parceiros. Com isso, mulheres acabaram por aprender que deveriam se manter em atos sexuais para agradá-los, mesmo não sendo contempladas em seu

prazer por eles, o que evidencia como a pornografia pode influenciar a realização de atos sexuais não saudáveis – em particular para com o sexo feminino. Sun *et al.* (2014) acrescentam que a pornografia, além de tornar mais provável a execução de condutas sexuais potencialmente perigosas, contribui para a manutenção de papéis estereotipados de gênero, como maior aceitação à violência sexual e aumento da possibilidade de perpetração de assédio sexual por parte de adolescentes do sexo masculino.

A partir das visões que justificam uma intervenção crítica quanto ao consumo de pornografia, demonstra-se a importância de abarcar os impactos que a *porn literacy education* pode ter na realização de uma educação sexual que compreenda práticas saudáveis de exercício da sexualidade.

A aplicabilidade da *porn literacy education* tem sido testada para comprovar seus impactos. Rothman *et al.* (2018) investiram em um estudo piloto, nos Estados Unidos, para testar um currículo educacional que tivesse aulas de *porn literacy education*, tendo 5 aulas-teste em sua composição. O resultado da pesquisa sugere que, no contexto demonstrado, é viável a aplicabilidade do currículo e que após frequentarem as aulas, a atitude dos jovens participantes mudou perante a pornografia, como, por exemplo, o olhar de objetificação e violência sofrida por mulheres em materiais pornográficos, ou de ver o mercado pornográfico como um caminho positivo para ganhar dinheiro.

(...) No entanto, como a *porn literacy education* não é, normalmente, parte da educação sexual formal (Albury, 2014; Haste, 2013), variações importantes podem emergir à medida que os indivíduos participam [dos cursos de *porn literacy education*]. (...) O aprendizado das pessoas com a *porn literacy education* durante os anos escolares pode, portanto, ser uma importante variável de diferença individual (VANDENBOSCH; VAN OOSTEN, 2017, p. 06, tradução nossa).

Dawson, Gabhainn e Macneela (2019) consideram que é essencial para a *porn literacy education* desenvolver o pensamento crítico quanto a saúde sexual e, ainda, não trabalhar o uso da pornografia a partir de um olhar culpabilizante. Também, abordar a população LGBT em suas demandas e particularidades, visto que estes são invisibilizados já quando se trata da educação sexual tradicional.

Os métodos relacionados à *porn literacy education* devem ser encaminhados, pensados e atualizados constantemente, de acordo com os avanços tecnológicos e demandas que se demonstram – de forma adequada para cada faixa etária e fase de desenvolvimento humano. A sensibilidade aos públicos-alvo é, ainda, um ponto sensível a se considerar. Healy-Cullen (2021)

ressalta a premência de que a *porn literacy education* focalize não apenas no que a pornografia demonstra e “ensina”, mas também em como os indivíduos absorvem tais mensagens, pois saber como o consumidor está interpretando é um caminho para se compreender as intervenções que podem ser mais bem-sucedidas.

A *porn literacy education* tem o potencial de ser um caminho correto e poderoso a se difundir, e com as ferramentas necessárias - tanto teóricas como de escuta das demandas da população a qual será aplicada. Além, de incentivar o pensamento crítico quanto aos papéis estereotipados de gênero e das práticas de violência presentes na pornografia, e de discutir exercícios de sexualidade mais saudáveis, tanto para o indivíduo, consigo mesmo, como para as pessoas com as quais ele se relacionar. Trata-se, portanto, de uma questão que abarca educação e saúde pública.

#### 4. HÁ ESPAÇO NA EDUCAÇÃO SEXUAL BRASILEIRA PARA DISCUTIR A PORNOGRAFIA?

A educação sexual formal<sup>3</sup> no Brasil, conforme retratado por Bedin, Muzzeti e Ribeiro (2020), tem sua consolidação a partir do século XIX, com o surgimento da Sexologia, ciência que propõe o estudo da sexualidade humana através do viés médico e de profissionais de outras áreas além da medicina. Em uma perspectiva histórica, os autores enfatizam os embates ocorridos envolvendo aspectos como a questão moral da sexualidade, preceitos religiosos, lógicas pautadas no higienismo ou puritanismo, até o pensamento do livre exercício da sexualidade. As visões citadas disputam, ainda, em dias atuais, o discurso da sexualidade, de suas teorias e ensinamentos. A educação sexual é, também, disputada pelas diversas áreas do conhecimento, em particular a medicina (em nichos como ginecologia e psiquiatria) e psicologia.

A disputa entre os discursos reverbera como a educação sexual é abordada e, por consequência, a ótica pela qual será repassada e ensinada (ou proibida de se ensinar) nas instituições. Bueno e Ribeiro (2018) salientam que o ensino de educação sexual nas escolas chegou a ser considerado como uma ameaça aos ideais de castidade por parcelas religiosas e conservadoras da sociedade, ainda, a perseguição de educadores e escolas a partir do Ato Institucional nº 5, durante a Ditadura Militar. Com o processo de redemocratização a partir do final dos anos de 1980,

---

<sup>3</sup> Coloca-se como educação sexual formal toda e qualquer forma de educação sexual que seja institucionalizada, ou seja, informações que sejam repassadas por instituições como escolas, equipamentos de saúde, entre outros. A educação sexual pode existir de forma informal, ou seja, por meio do discurso popular. Todavia, para afunilar os objetivos deste trabalho, o foco se dará no tipo formal.

foram fundadas diversas associações e grupos de estudo voltados à sexualidade e a área da Educação Sexual cresceu na área acadêmica. Entretanto, o avanço da tecnologia e o advento da Internet trouxeram novas experiências sexuais e “(...) esses recursos tecnológicos proporcionaram com muita facilidade e agilidade encontros e sexo casual, mas a geração que desfruta dos recursos não provém de uma Educação Sexual emancipatória, livre e libertadora” (BUENO; RIBEIRO, 2018, p. 55).

A pornografia faz parte desse cenário que se configura: informações em demasido – tratando-se de textos e mídias audiovisuais – que surgem dos mais diversos cantos, mas nem sempre com a qualidade necessária em termos de informação e promoção de uma Educação Sexual emancipatória. Reis e Ribeiro (2004) destacam a normatização da sexualidade a partir do ensino por meio das instituições, que depreende modos de sexualidade que não tratam do exercício consciente, e sim de uma perspectiva moralizante, que pauta práticas a partir de conceitos antagônicos como certo e errado, normal e patológico. Demonstra-se a importância de uma educação que liste preceitos da sexualidade a partir da percepção da complexidade humana e de sua diversidade, sem enaltecer tabus.

A *porn literacy education* é um tipo de proposta em educação sexual recente e que toca em aspectos ainda censurados de um tema que, por si só, já é considerado tabu social: a sexualidade. O momento da educação sexual no Brasil tem sido de ataques e retrocessos causados pelo avanço de ideias conservadoras<sup>4</sup>. Porém, mesmo em tempos retrógrados, a educação sexual tem demonstrado sua importância e valor ao empoderar indivíduos não apenas contra violências gerais, mas a cuidar do próprio corpo e de sua saúde, garantindo melhor qualidade de vida.

Vandenbosch e Van Oosten (2017) destacam a importância de haver estudos longitudinais para comprovar a eficácia da *porn literacy education*, e de considerar os contextos socioculturais de cada país em relação a como são abordadas as políticas e discursos envolvendo sexualidade, pois esse contexto afeta também a maneira como os métodos educacionais podem ser construídos.

É possível imaginar uma futura *porn literacy education* adaptada à realidade e demandas do Brasil. Todavia, são necessários estudos com população brasileira, nas mais diversas idades e

---

<sup>4</sup> Para mais informações: MENA, Fernanda. Brasil vive ataque legislativo e político contra educação sexual e de gênero, aponta ONG: relatório analisou 217 projetos de lei sobre o tema propostos no país desde 2014 e investigou efeito de pressão sobre professores: "tenho medo". **Folha de São Paulo**. São Paulo. 12 maio 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/brasil-vive-ataque-legislativo-e-politico-contra-educacao-sexual-e-de-genero-aponta-ong.shtml>. Acesso em: 30 ago. 2022.

localidades, de maneira a compreender quais seriam os moldes mais adequados para adaptar a ideia da *porn literacy education* ao país e o quanto sua aplicabilidade pode compreender a realidade. A demanda para esse tipo de educação é inegável, visto os dados antes citados sobre o consumo de pornografia pelos brasileiros – e as possíveis cifras ocultas de consumo de pornografia por menores de 18 anos.

A pauta, talvez, não seja se existe espaço para uma discussão a respeito da pornografia na educação sexual brasileira, e sim a urgência de uma educação sexual que abarque a pornografia, que poderá trazer impactos positivos à saúde sexual de uma população com alto índice de consumo dela, um dos maiores da América Latina e do mundo. Afinal, a pornografia não é apenas um demonstrativo de sexualidade. Esta tem se tornado uma ferramenta informal de educação sexual e que transmite aos seus consumidores noções distorcidas do que o exercício da sexualidade poderia ser, corroborando com diversos riscos à saúde física, mental e sexual.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O alto consumo de pornografia pela população brasileira e a escassez de pesquisas aprofundadas sobre os seus impactos na sexualidade brasileira demonstram a carência de estudos que possam compreender esse fenômeno e suas consequências. Além disso, a possível cifra oculta relacionada ao consumo de pornografia por crianças e adolescentes brasileiros compreende um problema ainda maior: a absorção de informações inverídicas e não saudáveis sobre sexualidade por indivíduos que ainda não desenvolveram suas capacidades físicas e intelectuais por completo.

Uma educação sexual emancipatória deve se preocupar com os mais diversos espectros da vivência da sexualidade, e sendo a pornografia uma dimensão que ganha cada vez mais espaço na sexualidade humana, a atenção deve ser correspondente. Sendo a *porn literacy education* um tipo de proposta que surge em convergência ao cenário de consumo de pornografia no mundo, o Brasil pode ter nela uma possibilidade de grande importância a se agregar. Pensar na adaptação à realidade sociocultural brasileira demanda diversos estudos de aplicabilidade e maior interesse acadêmico quanto a essa questão. Afinal, a educação sexual deve ser sempre dialética à realidade, atualizada e agregadora de elementos que contribuam para melhor vivência da população em relação à sua sexualidade.

## REFERÊNCIAS

BEDIN, Regina Celia; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil: sexologia e educação sexual do século XIX aos nossos dias.

**Humanidades e Inovação**, [s. l], v. 7, n. 27, p. 71-88, nov. 2020.

BORGES, Melissa Toledo; TILIO, Rafael de. Consumo de pornografia midiática e masculinidade.

**Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 10, p. 402-426, nov. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/announcement/view/622>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BUENO, Rita de Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação sexual no Brasil. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 49-56, dez. 2018.

COMELLA, Lynn. Revisiting the Feminist Sex Wars. **Feminist Studies**, [s. l], v. 41, n. 2, p. 437-462,

2015. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.15767/feministstudies.41.2.437>. Acesso em: 20 ago. 2022.

DAWSON, Kate; GABHAINN, Saoirse Nic; MACNEELA, Pádraig. Toward a Model of Porn Literacy: core concepts, rationales, and approaches. **The Journal of Sex Research**, [S.L.], v. 57, n. 1, p. 1-15, jan. 2019. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00224499.2018.1556238>. Acesso em: 21 ago. 2022.

DWORKIN, Andrea. **Pornography**: men possessing women. Nova Iorque: Plume, 1981.

FRITZ, Niki *et al.* A descriptive analysis of the types, targets, and relative frequency of aggression in mainstream pornography. **Archives of Sexual Behavior**, [S.L.], v. 49, n. 8, p. 3041-3053, jul. 2020.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-020-01773-0>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MACKINNON, Catherine Alice. Sexuality, pornography and method: pleasure under patriarchy.

**Ethics**, [s. l], v. 99, n. 2, p. 314-346, jan. 1989. Disponível em:

[https://www.jstor.org/stable/2381437?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2381437?seq=1#metadata_info_tab_contents). Acesso em: 12 ago. 2022.

PORNHUB. **2021 Year in Review**. 2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021#Countries-by-Traffic>. Acesso em: 21 jan. 2022.

REIS, Giselle Volpato; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. *In*: RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004. p. 27-71.

ROTHMAN, Emily. *et al.* "Without Porn ... I Wouldn't Know Half the Things I Know Now": a qualitative study of pornography use among a sample of urban, low-income, black and hispanic youth. **The Journal of Sex Research**, [S.L.], v. 52, n. 7, p. 736-746, out. 2014. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2014.960908>. Acesso em: 20 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. A pornography literacy class for youth: results of a feasibility and efficacy pilot study. **American Journal Of Sexuality Education**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 1-17, jan. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15546128.2018.1437100>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SANTANA, Léa Menezes. "**Tem pornô pra mulher?**": uma abordagem crítica da pornografia feminista. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18873/1/Dissertacao%20de%20L%c3%a9a%20Menezes%20de%20Santana.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SUN, Chyng *et al.* Pornography and the male sexual script: an analysis of consumption and sexual relations. **Archives of Sexual Behavior**, [S.L.], v. 45, n. 4, p. 983-994, 3 dez. 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-014-0391-2>. Acesso em: 22 ago. 2022.

VANDENBOSCH, Laura; VAN OOSTEN, Johanna. The relationship between online pornography and the sexual objectification of women: the attenuating role of porn literacy education. **Journal of Communication**, [S.L.], v. 67, n. 6, p. 1015-1036, nov. 2017. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/67/6/1015/4753857?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 21 ago. 2022.

WOLAK, Janis; MITCHELL, Kimberly; FINKELHOR, David. Unwanted and wanted exposure to online pornography in a national sample of youth internet users. **Pediatrics**, [S.L.], v. 119, n. 2, p. 247-257, fev. 2007. Disponível em: <https://publications.aap.org/pediatrics/article-abstract/119/2/247/70324/Unwanted-and-Wanted-Exposure-to-Online-Pornography?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 06 ago. 2022.

YBARRA, Michele; MITCHELL, Kimberly. Exposure to internet pornography among children and adolescents: a national survey. **Cyberpsychology & Behavior**, [S.L.], v. 8, n. 5, p. 473-486, out. 2005. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/cpb.2005.8.473>. Acesso em: 04 ago. 2022.

*Artigo recebido em: 01/07/2023.  
Aceito para publicação em: 05/09/2023.*